



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

“É Isso aí, Você Não Pode Parar.
Esperar o Tempo Ruim Vir te Abraçar”:
A Cultura Brasileira nas Letras de
Rap Nacional

Diana Silva Thomaz

Número 35

“É isso aí, você não pode parar. Esperar o tempo ruim vir te abraçar”:

A cultura brasileira nas letras de rap nacional

Diana Silva Thomaz

diana.thomaz.ufrj@gmail.com

RESUMO

Este trabalho trata-se de um estudo da cultura subjetiva brasileira por meio das letras de rap nacional. O corpus é constituído por três letras de música, sendo elas “A vida é desafio”, de Racionais, “Levanta e Anda”, de Emicida, e “Deus e família”, de Djonga. O objetivo é, a partir do estudo feito por Almeida (2015) sobre o comportamento brasileiro denominado “deixa vida me levar”, que é associado às classes sociais menos favorecidas socioeconomicamente, verificar se o mesmo se confirma nas letras de rap, que acreditamos representar essa parte da população brasileira ao narrar as mazelas de seu cotidiano. Somado a isso, verificaremos de que modo as dimensões Indulgência, Evitação ou controle de Incerteza e Orientação de Longo ou Curto Prazo (HOFSTEDE, 2011) se revelam nas canções escolhidas. Como aporte teórico, utilizamos conceitos e pressupostos de teorias interculturalistas, mais especificamente adotamos Bennett (1998) e Hofstede (2011).

Palavras-chave: Ensino de Português Língua Não Materna; Cultura brasileira subjetiva; Rap.

“That's it, you can't stop, wait the bad weather come to embrace you”:

The Brazilian culture in the lyrics of national rap

ABSTRACT

This research is a study of the subjective Brazilian culture through the lyrics of national rap. The corpus consists of three lyrics, namely “*A vida é desafio*”, by Racionais, “*Levanta e Anda*”, by Emicida, and “*Deus e família*”, by Djonga. The objective is, based on the study by Almeida (2015) about the Brazilian behavior called “let life take me”, which is associated with socially less favored social classes, to verify if it is confirmed in the rap lyrics, which we believe represents this part of the Brazilian population when narrating the ills of their daily lives. In addition, we will verify how the dimensions of Indulgence, Avoidance or Control of Uncertainty and Long or Short Term Orientation are revealed in the chosen songs. As a theoretical contribution, we used concepts and assumptions of intercultural theories, more specifically we adopted Bennett (1998) and Hofstede (2011).

Keywords: Portuguese as a Non-Native Language; Subjective Brazilian culture; Rap music.

INTRODUÇÃO

Não deve ser novidade, para quem pesquisa ou ensina uma Língua Estrangeira (LE), que a aquisição de uma segunda língua deve estar atrelada à compreensão de aspectos culturais presentes na cultura alvo, como padrões comportamentais, crenças, filosofias de vida, organização de instituições sociais, como a família, entre outros. Compreender essas nuances culturais é fundamental para o desenvolvimento de uma competência intercultural que possibilitará ao aprendiz adaptar-se a diferentes contextos dentro da outra cultura sem renunciar a sua própria identidade.

Considerando a importância desse tipo de conhecimento, alguns trabalhos (cf. Barbosa, 2006; Meyer, 2013; Almeida, 2015; Camara, 2018; Lima, 2019; entre outros), sustentados por teorias interculturalistas (cf. Peterson, 2004; Bennett, 1998; Lewis, 2019; Hofstede, 2011) têm sido desenvolvidos para elucidar diferentes faces da cultura brasileira subjetiva a fim de que os conhecimentos desvelados possam refletir na prática da sala de aula e, conseqüentemente, possam colaborar com a aquisição da língua portuguesa e da cultura do Brasil.

Desse modo, este trabalho tomará como pontos de partida o modelo teórico de análise das culturas nacionais de Hofstede (2011) e o trabalho de Almeida (2015), que investigou o comportamento brasileiro denominado “deixa a vida me levar” em letras de samba/pagode e rock. Esse comportamento, nas palavras da autora,

constitui-se como uma espécie de inércia perante a vida por parte de um ser humano capaz, que abre mão deliberadamente da responsabilidade pelo seu destino, deixando de planejar, deixando tudo para última hora, fazendo o mínimo possível, sem capricho ou ainda quando absolutamente necessário. (Ibidem, p. 5).

Almeida (2015) traça uma relação entre o comportamento referido e classe social. Para realizar sua investigação, delimita inicialmente dois grupos: 1) o grupo composto por pessoas de classes mais abastadas, cujo comportamento é observado nas letras de rock e 2) o grupo composto por pessoas das classes menos favorecidas socioeconomicamente, cujo comportamento é observado nas letras de samba e pagode. O segundo, foco da análise deste trabalho, compõe o grupo denominado “deixa a vida me levar”, que, segundo a autora

(Ibidem, p. 14), se caracterizaria por uma tendência a não se questionar sobre as coisas, a não se planejar nem se preocupar com o tempo como se ele fosse um recurso infinito e como se as coisas fossem acontecer em algum momento sem que se necessitasse de um esforço. Como acrescenta, “Para uns, Deus seria o padrinho; para outros, a sorte seria a madrinha. Seriam os arautos da lei do menor esforço” (p. 14).

Nosso primeiro objetivo, portanto, será o de investigar em letras de rap, gênero musical que, de modo geral, canta as mazelas sociais da população pobre e marginalizada, se o mesmo comportamento aparece ou não, ou ainda se aparece com outras nuances. Complementarmente, nosso segundo objetivo será investigar como as dimensões Indulgência/ Restrição, Orientação de longo ou curto prazo e Evitação de Incerteza aparecerão nas canções selecionadas. A escolha dessas dimensões, em específico, ocorre por sua relação com o comportamento brasileiro observado por Almeida tal qual a autora mostra em seu trabalho.

Este estudo se justifica, para além da necessidade de sabermos mais sobre nossa cultura para depois ensiná-la, pelo fato de que um dado comportamento, muitas vezes compreendido como negativo, pode ser associado a uma classe social, o que pode levar à criação de um novo estereótipo de que o pobre assim o é devido a esse comportamento a que subjazem algumas crenças – como se sua condição social fosse apenas fruto de escolhas - ou à manutenção de estigmas sociais. Assim, queremos aprofundar a investigação com um corpus diferente para verificar se o comportamento “deixa a vida me levar” continua surgindo e para vermos também se as três dimensões de Hofstede poderiam revelar outros traços dessa camada populacional, que compõe maioria da população brasileira.

O trabalho se divide da seguinte maneira: (1) abordagem teórica, (2) metodologia, (3) apresentação e análise dos dados e (4) conclusões.

1. ABORDAGEM TEÓRICA

Nesta seção, trataremos de alguns conceitos fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, como os conceitos de cultura objetiva e cultura subjetiva. Além disso, trataremos uma das contribuições do Interculturalismo para análise das culturas nacionais, que têm repercutido no ensino de LE de maneiras diversas, como o estudo de Hofstede (2011). Esse autor propõe uma leitura das culturas nacionais por meio de um modelo dimensional,

que tomaremos como foco para interpretar aspectos da cultura subjetiva presentes nas letras de rap brasileiras.

1.1. Cultura objetiva e cultura subjetiva

O conceito de *cultura* pode ser assumido a partir de diferentes perspectivas, o que nos traz a necessidade de estabelecer um recorte. Desse modo, consideraremos os conceitos de *cultura objetiva* e *cultura subjetiva* tal qual presente em Bennett (1998, p. 2).

O autor (ibidem) define a *Cultura objetiva* como aquela que pode representar instituições relacionadas à arte, à literatura, à música, entre outras, bem como os próprios produtos de tais instituições. Segundo ele, incluem-se também como exemplos de *Cultura objetiva* “sistemas sociais, econômicos, políticos e linguísticos - os tipos de coisas que geralmente são incluídos em estudos de área ou cursos de história” (ibidem, tradução livre). Não é incomum que, quando se fala em trabalhar cultura em sala de aula de língua estrangeira, se pense primeiramente nesses “produtos culturais”. Apesar de serem importantes também, não são suficientes para que o aluno alcance competência comunicativa e intercultural adequada.

Por outro lado, o conceito de *Cultura subjetiva* se refere aos implícitos culturais, que não são ensinados ou aprendidos nos bancos escolares, mas que são compartilhados por sujeitos que pertencem a um mesmo grupo. Esse aspecto subjetivo da cultura se refere, então, a características psicológicas que podem fazer com que tais sujeitos compartilhem pensamentos, comportamentos e valores e que, com isso, se difiram de outros grupos sociais. É essa perspectiva da cultura que acreditamos fazer diferença ao se adquirir uma outra língua, pois possibilitamos aos alunos ir desvelando partes da “arquitetura da cultura alvo” e, ao tentar compreender o outro para se comunicar com ele eficazmente, ocorre o processo de descentralização da nossa própria cultura como ponto de partida para enxergar o outro. É nesse processo que temos a oportunidade de enxergar a nós mesmos.

Neste trabalho, utilizaremos um elemento da Cultura objetiva – a música – para investigar aspectos da Cultura subjetiva brasileira – os comportamentos - presentes nela.

1.2. O modelo dimensional de Hofstede

Ao investigarmos a cultura brasileira, estamos tratando de uma cultura nacional, compreendida por Hofstede como um programa mental coletivo, compartilhado pelos indivíduos que participam de uma mesma sociedade. Os estudos interculturalistas, para darem conta de diferenças culturais entre indivíduos de diferentes nacionalidades, precisam lidar com essa abordagem mais ampla. Desse modo, longe de se gerar estereótipos, tenta-se chegar a generalizações capazes de caracterizar todo o grupo pertencente a determinado país.

Para proceder às investigações, optamos pelo modelo dimensional de Hofstede que traça uma escala (de 0 a 100 pontos) de seis dimensões a partir das quais se pode caracterizar as culturas nacionais. São elas: (1) Distância de poder, (2) Individualismo, (3) Feminilidade/Masculinidade, (4) Evitação ou controle de Incerteza, (5) Orientação de Longo ou Curto Prazo e (6) Restrição/Indulgência.

De modo geral, a dimensão (1) se refere a como indivíduos que têm menos poder podem aceitar as hierarquias e as distribuições desiguais de poder dentro das instituições sociais. A dimensão (2) se refere a quanto os indivíduos estão integrados em grupos ou não e a quanto, em dada sociedade, priorizam a si em detrimento de outros. A dimensão (3) se refere à distribuição de papéis sociais entre homens e mulheres, ao mesmo tempo que sociedades com pontuação alta nessa dimensão, direcionada à masculinidade, se caracterizam pela competitividade, pela busca por sucesso material e pela diretividade. A dimensão (4) está relacionada ao nível de estresse que pode haver numa sociedade diante de um futuro desconhecido ou a quanto situações ambíguas podem criar ansiedades.

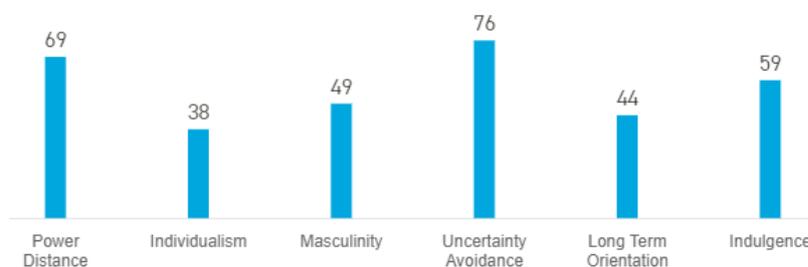
A dimensão (5) se refere à importância que as sociedades dão ao futuro ou ao presente e ao passado. Nas sociedades de Orientação de Longo Prazo, os indivíduos valorizam a economia e o planejamento, enquanto, nas de Curto Prazo, os indivíduos são mais conservadores com relação a mudanças, preferindo manter tradições e normas. Por fim, a dimensão (6), que segundo Hofstede (*ibidem*, p. 15) é mais ou menos complementar à dimensão anterior, expressa o quanto uma sociedade tende a permitir gratificações relativas aos desejos humanos de se divertir e aproveitar os prazeres da vida. Nas sociedades mais indulgentes, em contraponto com as mais restritas, há maior percepção de felicidade, a liberdade de expressão é valorizada e se dá maior importância ao lazer. (HOFSTEDE, 2011, p. 8).

Considerando tais dimensões propostas para análise das culturas nacionais, aqui focalizaremos as dimensões (4), (5) e (6) para as análises das letras de rap.

1.3. O ponto de partida: Almeida (2015)

Almeida (2015) observa que há um comportamento brasileiro, muito notado por estrangeiros, que consiste em não planejar coisas, em adiar quase tudo, para fazer de última hora, sem preocupação com qualidade. A esse comportamento também se associa uma certa desorganização e uma inércia perante a vida que muitas vezes leva a uma inação que aparece juntamente com a crença de que “no final tudo vai dar certo”. Esse tipo de comportamento que se propõe a investigar, a autora nomeia “deixa a vida me levar”.

Nas dimensões de Hofstede¹, o Brasil surge com a pontuação a seguir e, para investigar o comportamento “deixa a vida me levar”, Almeida foca nas dimensões destacadas a fim de saber se podemos dizer que tal comportamento poderia ser associado a toda a população brasileira, generalizadamente, ou se seria à parte dela.



Fonte: www.hofstede-insights.com/country-comparison/brazil/

Na constituição de seu corpus, Almeida nota que há diferenças de comportamento e crença de parte da população descrita nas letras de pagode e samba para o comportamento e crença de parte da população descrita nas letras de rock. A partir daí, por detalhes que se pode consultar na tese da pesquisadora, associam-se os dois primeiros gêneros musicais às classes sociais desfavorecidas socioeconomicamente e associa-se o último gênero – o rock – às classes mais abastadas.

¹ As dimensões de Hofstede para o Brasil. Disponível em: <www.hofstede-insights.com/country-comparison/brazil/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Ao longo de suas análises, Almeida (ibidem) traça uma divisão que estabelece a existência de três grupos. O grupo “Deixa a vida me levar”, cujo comportamento aparece nas letras de samba e pagode e é composto pelas classes menos favorecidas, apresenta um comportamento mais distenso, com baixo nível de evitação ou controle de incerteza (UAI), baixo nível de orientação de longo prazo (LTO) e alto nível de indulgência (IVR). O grupo “Meu destino faço eu”, cujo comportamento se encontra em letras de rock e é composto pelas classes mais abastadas, apresenta um comportamento mais tenso e preocupado com o futuro. Nele, podemos encontrar a crença de que “tempo é dinheiro” e se caracteriza por um alto nível de evitação ou controle de incerteza (UAI), alto nível de orientação de longo prazo (LTO) e um baixo nível de indulgência (IVR). Por último, o terceiro grupo se chama “O Brasil custa caro demais”. Trata-se de um subgrupo do grupo anterior cujos integrantes apresentariam médio nível de evitação ou controle de incerteza (UAI), médio nível de orientação de longo prazo (LTO) e um alto nível de indulgência (IVR), demonstrando-se como um grupo menos tenso. Para ele, a vida é muito curta para só trabalhar. É necessário aproveitá-la, sem, no entanto, perder as rédeas.

A partir do modelo dimensional de Hofstede, que trabalha com pontuações, a autora traz uma leitura mais detalhada que nos permite atestar diferentes comportamentos dentro da cultura nacional brasileira, o que é muito importante para que não caiamos em estereótipos. Porém, chamou-me a atenção a associação entre o comportamento “deixa a vida me levar”, que pode ser entendido como um comportamento negativo, e as camadas menos favorecidas, o que gerou interesse por desenvolver este trabalho.

É importante ressaltar que a autora trabalha em torno de tendência. Não se diz que apenas pessoas pobres tenham tal comportamento ou que pessoas de classes mais favorecidas socioeconomicamente não o tenham. Mas, na leitura de Almeida, o comportamento em foco tende a ser comum nas classes menos favorecidas do Brasil.

2. METODOLOGIA

O corpus deste trabalho, devido aos limites do artigo, é constituído por 3 letras de músicas que representam o rap nacional. Esse gênero musical está presente em vários países e, no Brasil, se espalhou principalmente pelas zonas periféricas, sendo cantado como música de protesto, que narra problemas sociais e raciais vividos por pessoas pobres. Por esse

motivo, acreditamos que o rap seja um gênero fundamental se quisermos apontar nuances culturais dessa grande parte da população brasileira.

Optamos por estudar a cultura brasileira por meio de músicas porque elas, desde cedo, estão presentes nas vidas de todas as pessoas. Em geral, crescemos ouvindo canções e elas estão presentes nas nossas vidas independentemente da classe social a qual pertencemos. Desse modo, assim como Almeida (2015), acreditamos que a música pode revelar aspectos da nossa cultura subjetiva.

As três músicas selecionadas foram:

- 1) A vida é desafio (Racionais)
- 2) Levanta e anda (Emicida)
- 3) Deus e Família (Djonga)

Como se pode ver, optamos pelo trabalho com músicas de diferentes rappers para que as narrativas não se assemelhassem por influência de um estilo do cantor com determinada temática. Também devido às letras de rap, em geral, serem muito extensas, foi necessário fazer alguns recortes nelas, que estão devidamente identificados. Os recortes foram feitos cuidadosamente de modo a não gerar mudanças de sentidos.

Quanto às dimensões investigadas, apesar de ser possível encontrar aspectos relativos a todas as dimensões de Hofstede, nosso recorte abrange as dimensões Indulgência *versus* Restrição, Orientação de longo ou curto prazo e Evitação de Incerteza.

3. ANÁLISE

As letras de rap a seguir nos permitirão investigar as dimensões e o comportamento brasileiro já explicitados.

O primeiro rap, chamado “A vida é desafio”, é cantado por Racionais, um dos primeiros e mais proeminentes grupos de rap nacional e que nos é contemporâneo. Vejamos:

1) A vida é desafio (Racionais)

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo
Quando pivete, meu sonho era ser jogador de
futebol, / Mas o sistema limita nossa vida de tal
forma / Que tive que fazer minha escolha, sonhar
ou sobreviver

Os anos se passaram e eu fui me esquivando do
círculo vicioso/ Porém o capitalismo me obrigou
a ser bem sucedido

Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico
Em busca do meu sonho de consumo/ Procurei
dar uma solução rápida e fácil pros meus
problemas/ O crime

Mas é um dinheiro amaldiçoado

Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava

Logo fui cobrado pela lei da natureza

Vish, catorze anos de reclusão

O barato é louco, ó

É necessário sempre acreditar que o sonho é
possível

Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível

Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase

E o sofrimento alimenta mais a sua coragem

Que a sua família precisa de você

Lado a lado se ganhar, pra te apoiar se perder (...)

É isso aí, você não pode parar

Esperar o tempo ruim vir te abraçar

Acreditar que sonhar sempre é preciso.

É o que mantém os irmãos vivos

Várias famílias, vários barracos

Uma mina grávida/ E o mano 'tá lá trancafiado

Ele sonha na direta com a liberdade

Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da

maldade

Na cidade grande é assim/ Você espera tempo
bom e o que vem é só tempo ruim

No esporte no boxe ou no futebol

Alguém sonhando com uma medalha, o seu lugar
ao sol/ Porém fazer o quê se o maluco não
estudou

500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou

"Desespero aí, cena do louco

Invadiu o mercado farinhado, armado e mais um
pouco"/ Isso é reflexo da nossa atualidade

Esse é o espelho derradeiro da realidade

Não é areia, conversa, chaveco

Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um
boteco/ Ser empresário não dá, estudar nem
pensar/ Tem que tramar ou ripar para os irmãos
sustentar (...)

Geralmente quando os problema aparece

A gente tá desprevenido né não?

Errado/ É você que perdeu o controle da situação,
sangue bom/ Perdeu a capacidade de controlar os
desafios (...)

Você se acha sempre incapaz de resolver

Se acovarda morô?/ O pensamento é a força
criadora, irmão

O amanhã é ilusório/ Porque ainda não existe

O hoje é real/ É a realidade que você pode
interferir/

As oportunidades de mudança/ 'Tá no presente

Não espere o futuro mudar sua vida/ Porque o

futuro será a consequência do presente

Parasita hoje/ Um coitado amanhã

Corrida hoje/ Vitória amanhã

Nunca esqueça disso, irmão

Nessa narrativa, encontramos um indivíduo pobre que se descreve como alguém sonhador, que tinha desejo de seguir a carreira do futebol, mas que teve seu sonho atravessado pelo “sistema”, ou seja, pela estrutura social na qual estava inserido e que o obrigou a escolher entre o sonho e as necessidades básicas de sobrevivência.

O sonho, juntamente com a crença de que “o tempo ruim vai passar”, aparece aqui como combustão para buscar mudança de vida, e não como uma crença num destino que trará o que se deseja sem que seja necessária a ação dos sujeitos. O trecho “É isso aí, você não pode parar/ Esperar o tempo ruim vir te abraçar” ilustra bem a consciência desse indivíduo pobre que sabe que não pode ficar à mercê do futuro e que é preciso trabalhar para conquistar o que deseja. De modo geral, o rap mostra que a classe desfavorecida socioeconomicamente tem alguma consciência de sua posição na pirâmide social e tem alguma consciência de que a ascensão, se possível, se dará com muito trabalho.

Podemos observar as dimensões Orientação de Curto Prazo e Evitação da Incerteza quando o sujeito que narra sua história diz que o sistema social limita sua vida, sendo necessária a escolha entre o sonho (que representa o futuro) e a sobrevivência (que representa o presente) bem como quando diz que, querendo ser rico, buscou o crime como uma solução rápida e fácil. Essas situações apresentadas mostram a vida de alguém que precisa se sujeitar ao tempo presente e lidar com ele e mostram também um indivíduo que não se sente confortável com o caos e a ambiguidade (sonho e sobrevivência), optando pelo crime na tentativa de dar uma resolução aos seus problemas.

Em outros momentos da música, a dimensão Orientação de Curto Prazo pode ser observada novamente, como quando se diz que o pobre abre um boteco porque não pode ser empresário, pois esse último requer planejamento financeiro, que ele não pode ter já que se limita às necessidades de sobrevivência. Além disso, o trecho “Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava” também evidencia a dimensão Orientação de Curto Prazo bem como a dimensão Indulgência, também atribuída à cultura brasileira, em que o indivíduo gasta como quer para satisfazer desejos.

Nos trechos “O amanhã é ilusório/ porque ainda não existe”, “O hoje é real/ É a realidade que você pode interferir”, “Não espere o futuro mudar sua vida”, “Errado/ É você que perdeu o controle da situação” e “Corrida hoje/ Vitória amanhã” podemos observar novamente as dimensões Orientação de Curto Prazo e Indulgência. A primeira aparece na importância dada às ações presentes que repercutirão na vida futura. A vida do sujeito, como já mostramos, gira em torno do presente e em torno de tudo que se pode realizar nesse

momento, acreditando que o futuro é consequência de tudo o que fizermos no agora. Nesses momentos, o indivíduo deixa entrever alguma consciência da necessidade de controlar sua vida presente para ter sucesso no futuro e essa percepção de controle da vida pessoal é atribuída, por Hofstede, à dimensão Indulgência.

A segunda canção, chamada “Levanta e anda”, de Emicida, narra também a vida de um indivíduo pobre que, desde criança, precisa assumir o papel de “homem da casa”, tendo que experienciar situações difíceis, como a fome e a ausência familiar, no entanto não deixa de apresentar consciência da necessidade de buscar as mudanças das quais precisa.

Observemos adiante:

2) Levanta e anda (Emicida)

Era um cômodo incômodo	Foi foda contar migalha nos escombros
Sujo como o dragão de komodo	Lona preta esticada, enxada no ombro
Úmido, eu homem da casa	E nada vim, nada enfim
Aos seis anos (...)	Recria sozinho/ Com a alma cheia de mágoa
Quem costuma vir de onde eu sou	e as panela vazia/ Sonho imundo/ só água na
Às vezes não tem motivos pra seguir!	geladeira/ E eu querendo salvar o mundo
<u>Então levanta e anda, vai, levanta e anda</u>	No fundo é tipo David Blaine
Mas eu sei que vai, que <u>o sonho te traz</u>	A mãe assume, o pai some de costume
<u>Coisas que te faz prosseguir!</u>	No máximo, é um sobrenome
<u>Irmão, você não percebeu</u>	Sou o terror dos clone
<u>Que você é o único representante</u>	Esses boy conhece Marx/ Nós conhece a
<u>Do seu sonho na face da terra</u>	fome/ <u>Então cerra os punho, sorria/ E jamais</u>
<u>Se isso não fizer você correr, chapa</u>	<u>volte pra sua quebrada de mão e mente vazia</u>
<u>Eu não sei o que vai</u>	(...)
(...)	

O sonho novamente surge como motor da esperança, mas não uma esperança que leva a uma inação, e sim que leva a continuar trabalhando para alcançar um futuro melhor. O trecho “você não percebeu/ Que você é o único representante/ Do seu sonho na face da terra/ Se isso não fizer você correr, chapa/ Eu não sei o que vai” demonstra a consciência de que o desejo de algo que está no futuro requer uma ação no presente e enfatiza a responsabilidade dos sujeitos em buscar o que desejam. O indivíduo percebe a necessidade

de tomar as rédeas da própria vida, ter controle sobre ela, o que está em acordo com uma sociedade que se caracteriza por uma pontuação mais alta para a dimensão Indulgência.

Outro aspecto relevante é o próprio título da música que denota ação: levantar e andar. O título, associado a toda a letra, pode evidenciar uma sociedade com pontuação mais alta para a dimensão Evitação da Incerteza, já que esse chamado para a ação pode ser lido como uma tentativa do sujeito de evitar as incertezas futuras com relação à realização de seus sonhos. Como a condição social em que o indivíduo está colocado não o permite planejamento a longo prazo, a solução encontrada é se voltar para o presente, acreditando que, de ações presentes em ações presentes, se chega ao sonho futuro.

O terceiro rap, do cantor Djonga, traz, no título “Deus e família”, dois pilares importantes dentro da cultura brasileira: a religião/fé e a família. Nessa narrativa cantada, o personagem fala sobre sua vida e sobre como obteve alguma ascensão social, como vemos adiante:

3) Deus e família (Djonga)

Tamo sempre no corre e não é de hoje/ Que eu tô na batalha pra minha vida melhorar
Na escola da vida, eu aprendi que, com/ humildade e disciplina/ Você é recebido em qualquer lugar/ E os perreco acha que nós tá de bobeira
Toda sexta-feira tem um jet pra encostar
Seja em Angra ou então em Maresias
(...)
Eu já vi de perto a derrota/ Por isso eu digo:
De virada é mais gostoso
Só tem um que pode nos julgar/ E esse tá lá em cima comandando a porra toda
Deus e família em primeiro lugar
Dinheiro pra gastar e o resto que se foda
(...)
Hoje eu só quero paz e bem em Copacabana
Mas nós não foge da luta no caso do couro come (...)

Tava tramando enquanto os boy tava curtindo/ E hoje meu fim de semana é de segunda a quinta-feira
Os frente do morro liga, eu não tô de bob
Todo din do banco é show da firma milionária (...)
Fé em Deus, quem me guia, que Ele é justo e cabuloso
Aprendi que se eu desejo, uma hora vai chegar
Gasto dinheiro porque nunca tive nada Cês não passaram sufoco e por isso vão criticar
É fato que respeito não se compra
Com luta e suor se conquista
Tamo cansado de remar no mar de lama
Batalhei, corri dobrado, e hoje eu grito: Terra à vista (...)

Segundo o indivíduo que canta, sua vida sempre esteve “no corre”, “na batalha”, “com luta e suor”, ou seja, trabalhando muito para a vida ser melhor. O trecho “Tava trampando enquanto os boy tava curtindo/ E hoje meu fim de semana é de segunda a quinta-feira” mostra a mudança de condições financeiras por meio de muito trabalho. O personagem ainda diz que, apesar de sua situação difícil de vida, seu dinheiro não vem do tráfico (“Os frente do morro liga, eu não tô de bob/ Todo din do banco é show da firma milionária”). Além disso, há que se destacar mais três pontos importantes.

O primeiro ponto é a figura de Deus e da fé. Deus é apresentado como aquele que guia, que é justo, que observa tudo e comanda, mas não surge como alguém que traça destinos ou que provê desejos independentemente da ação dos sujeitos. A “fé” aparece como elemento importante que pode ser comparado ao elemento “sonho” que aparece nas músicas anteriores, como um motor que faz o indivíduo continuar buscando a realização de seus projetos.

O segundo ponto interessante está no trecho “Aprendi que se eu desejo, uma hora vai chegar”, que poderia nos levar a associar ao comportamento “deixa vida me levar”, descrito por Almeida (2015). Nesse caso, o indivíduo acreditaria que o próprio destino traria as condições propícias pelo simples fato de se desejar, sem que fosse preciso fazer qualquer coisa, no entanto, não é possível sustentar essa ideia no contexto geral da música, pois o indivíduo atribui sua mudança de vida justamente ao muito trabalho. Assim, essa crença expressa no trecho demonstra apenas que o desejo vai se realizar após muito trabalho.

E o terceiro ponto bem importante encontra-se nos trechos “Dinheiro pra gastar e o resto que se foda”, “Toda sexta-feira tem um jet pra encostar” e “Hoje eu só quero paz e bem em Copacabana”, nos quais podemos notar uma grande necessidade de viver os prazeres da vida, a que podemos associar a alta pontuação da dimensão Indulgência. Ao comportamento presente no primeiro trecho, também podemos associar a dimensão Orientação de Curto Prazo, em que o indivíduo prefere os gastos sociais e o consumo à economia. Mas, com relação a esse tipo de comportamento, a própria narrativa o explica no trecho “Gasto dinheiro porque nunca tive nada/ Cês não passaram sufoco e por isso vão criticar”. Ou seja, o indivíduo demonstra que seu comportamento de não prezar por uma economia de dinheiro ou um planejamento de vida se dá pelo fato de ter sempre sido privado de muitas coisas na vida por sua condição de pobre. E, assim que consegue ter mais possibilidade de aproveitar a vida, não deseja continuar se privando de tudo a que sempre se viu privado.

É interessante olhar para esse comportamento por esse prisma porque podemos compreendê-lo não como uma simples desorganização, falta de planejamento ou despreocupação com o futuro presente no comportamento “deixa a vida me levar”. Em geral, as populações mais pobres precisam se voltar para resolver problemas imediatos do presente (necessidade de comida, de moradia, entre outras) e essa sua condição social muitas vezes as impede de se voltar para o futuro, planejando-o.

A partir dessas análises, podemos notar que as letras de rap, ao narrar os problemas cotidianos das classes sociais menos favorecidas socioeconomicamente, deixam entrever contextos de vida e comportamentos semelhantes, como a condição de pobreza difícil de se mudar apenas com o trabalho (mas possível), o fôlego dessa população para trabalhar, a consciência de que a mudança virá pelo muito esforço diário, a crença de que ter fé ou ter um sonho ativo gera força para continuar buscando as melhorias que se desejam e a vontade de aproveitar tudo o que não teve na vida quando a ascensão social acontece.

Almeida (2015) identifica essa população com o comportamento “deixa a vida me levar”, conclusão a que chega a partir da análise das letras de samba e pagode. Para ela, os indivíduos a que se associa esse tipo de comportamento tendem a “não se voltar para o presente, mas, sim, para um futuro promissor, ainda que muitas vezes sem fazer nada de concreto para isso, esperando-o sem pressa” (Ibidem, p. 86). A autora traça para esse grupo um esquema a partir do qual seu comportamento revelaria os traços alto para Indulgência, baixo para Orientação de Longo Prazo (ou Orientação de Curto Prazo) e baixo para Evitação de Incerteza, mas parece que as letras de rap não revelam o mesmo.

As análises sugerem um comportamento mais voltado para o que Hofstede já havia proposto, em que podíamos encontrar uma sociedade com pontuação alta para a Evitação da Incerteza, para a Indulgência e para a Orientação de Curto Prazo. Assim, é inegável a presença, na cultura brasileira, do comportamento referido em Almeida (2015), mas não acreditamos – e o corpus evidencia isso – que possa estar diretamente relacionado a uma classe social.

É importante reiterar que a autora fala de tendências. Ela não considera a possibilidade, por exemplo, do samba e do pagode estarem presentes nas classes mais abastadas bem como do rock estar nas classes mais pobres. Do mesmo modo, afirma que há a possibilidade de o comportamento “deixa a vida me levar” ser encontrado no outro grupo a que pertencem as pessoas não pobres.

Para além disso, ainda sobre o que as letras das músicas nos revelam, mesmo que extrapolem ou não coincidam com o proposto para as dimensões analisadas de Hofstede, queremos destacar outros aspectos interessantes. O primeiro aspecto, ao qual, de certa forma, já nos referimos indiretamente, se refere ao fato de o futuro parecer ser uma preocupação dos indivíduos representados nas canções ainda que não possam ter suas vidas voltadas para ele. O segundo aspecto é que não se atribui sucesso e fracasso à sorte, como seria esperado numa sociedade com orientação para curto prazo. Pelo contrário, o sucesso é fruto do trabalho. E o terceiro aspecto é que, pela própria natureza do conteúdo que narra as mazelas da vida, não se tem uma percepção de felicidade ou de emoções positivas presentes numa sociedade indulgente.

4. CONCLUSÕES

Neste trabalho, tivemos dois pontos de partida: Almeida (2015) e Hofstede (2011). Quanto à primeira autora, partimos de sua investigação para o comportamento brasileiro denominado “deixa a vida me levar”. Suas análises a levam a concluir que não se trata de um comportamento que pode ser associado a toda população brasileira, mas a grupos. Em sua proposta, destaca a presença de três grupos dentro dessa grande cultura brasileira e é a um deles que se atribui o comportamento investigado. Esse grupo, como já sabemos, se compõe por indivíduos pertencentes às classes sociais menos favorecidas socioeconomicamente. Utilizamos os resultados de Hofstede para análise da cultura brasileira no que se refere às dimensões Indulgência, Orientação de Longo ou Curto Prazo e Evitação de Incerteza, que estão também relacionados ao comportamento “deixa a vida me levar”.

Nossas análises vão na contramão do encontrado por Almeida e na direção do proposto por Hofstede. As letras de rap não parecem evidenciar para a mesma parte da população brasileira o que evidenciam as letras de pagode e samba. Os resultados apontaram para comportamentos coerentes com uma sociedade com pontuação alta para Indulgência, Evitação de Incerteza e baixa pontuação para Orientação de Longo prazo.

Desse modo, destacamos a necessidade de se continuar essa investigação com mais corpora de outros gêneros musicais para que tenhamos mais certeza de que podemos associar mesmo o comportamento em questão a pessoas de determinada classe social. Nosso foco foi ampliar a análise num corpus representativo das classes sociais menos favorecidas, mas seria

interessante que se ampliasse também com outro corpus que pudesse representar as classes mais favorecidas.

Esse trabalho veio, então, contribuir para a ampliação dessa discussão bem como contribui também para gerar mais conhecimento acerca da nossa própria cultura, conhecimento esse que colabora para que não caiamos em estereótipos. O desenvolvimento dessa discussão tem também reflexos em sala de aula, no ensino de português para falantes de outras línguas, uma vez que, ampliando o conhecimento do professor, oferece-lhe a possibilidade de atuar de forma mais eficiente, preparando atividades que contribuam para a ampliação da competência cultural dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcia Araujo. *Deixa a vida me levar...Um jeito brasileiro de lidar com a incerteza: uma descrição de aspectos da cultura e do comportamento dos brasileiros como contribuição para a área do português para estrangeiros*. Tese de Doutorado. Orientador: Rosa Marina de Brito Meyer. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, PUC-Rio, 2015.

BARBOSA, Livia. *O Jeitinho Brasileiro - A Arte de Ser Mais Igual do Que os Outros*. Campinas: Ed. Campus. 2006.

BENNETT, Milton James. (ed.) *Intercultural Communication: a current perspective*. In: *Basic Concepts of Intercultural Communication – selected readings*. Yarmouth, Maine: Intercultural Press, 1998.

CAMARA, Luciana. *Nas ondas do rádio e na boca do povo: aspectos da cultura brasileira relevantes para PL2E presentes em programas de consultas e conselhos*. Tese de doutorado. Orientador: Rosa Marina de Brito Meyer. Rio de Janeiro: Departamento de Letras PUC-Rio, 2018.

HOFSTEDDE, Geert. Dimensionalizing Cultures: The Hofstede Model in Context. In: *Online Readings in Psychology and Culture*. Article 8. Pg. 1-26, 2011. Disponível em <http://mchmielecki.pbworks.com/w/file/fetch/64_591689/hofstede_dobre.pdf>. Colhido em 02/09/2020.

LEWIS, Richard Donald. The cultural imperative: Global trends in the 21st century. In *Training, Language and Culture*, 3(3), 8-20, 2019. Disponível em <[https://rudn.tlcjournal.org/archive/3\(3\)/3\(3\)-01.pdf](https://rudn.tlcjournal.org/archive/3(3)/3(3)-01.pdf)>. Colhido em 02/09/2020.

LEWIS, Richard Donald. *When Cultures Collide*. Disponível em <<http://www.utntyh.com/wpcontent/uploads/2011/11/When-Cultures-Collide.pdf>> Colhido em 02/09/2020.

LIMA, Adriana Borgerth Vial Corrêa. *O carnaval carioca nas revistas alemãs: aspectos interculturais relevantes para o ensino de PL2E*. Dissertação de mestrado. Orientador: Rosa Marina de Brito Meyer. Rio de Janeiro: Departamento de Letras PUC-Rio, 2019.

LISBOA, Sonia Maria do Nascimento. *“Eu quase desisti de namorar brasileiros”*: Relacionamentos amorosos entre brasileiros e britânicos, uma abordagem intercultural com aplicabilidade para o ensino de PL2E. Dissertação de mestrado. Orientador: Rosa Marina de Brito Meyer. Rio de Janeiro: Departamento de Letras PUC-Rio, 2017.

MEYER, Rosa Marina de Britto. "Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural" In: MEYER, Rosa Marina de Britto. e ALBUQUERQUE, Adriana. (orgs.) *Português para Estrangeiros: Questões Interculturais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013. Pp. 13-34.1. Disponível em <http://www.editora.vrc.puc-rio.br> > Catálogo.

PETERSON, Brooks. *Cultural Intelligence*. Yarmouth, Maine: Intercultural Press, 2004.